

---

## **Rádio Inconfidência FM - a Brasileiríssima - os primeiros anos<sup>1</sup>**

Nísio TEIXEIRA<sup>2</sup>,  
Maria Eliza de Oliveira DUANE<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

### **Resumo**

A Rádio Inconfidência FM em Minas Gerais completa 40 anos de história neste ano de 2019 e ao longo deste tempo a “Brasileiríssima” tem como característica uma programação voltada para a diversidade de artistas nacionais e locais. O presente trabalho tem como objetivo relatar a origem desse processo - que envolveu músicos, locutores, jornalistas e radialistas - a partir da transcrição, organização e edição de depoimentos presentes em spots comemorativos da rádio e de parte do acervo de entrevistas realizadas para o projeto de memória da emissora.

### **Palavras-chave**

Rádios públicas; programação; MPB; Brasileiríssima; rádio Inconfidência FM.

### **Introdução**

Inaugurada oficialmente em 1979, a rádio Inconfidência FM – 100,9: Brasileiríssima - faz parte da história do rádio brasileiro e da capital mineira. Ela se configurou a partir de projeto inovador que articulou músicos, radialistas e jornalistas em um novo estilo temático para a frequência modulada: a exclusividade, em sua programação, para a música popular brasileira. Aspecto que sobreviveu ao peso dos anos até os dias de hoje - com pouquíssimas interrupções.

Em 29 de dezembro de 2012, o Diário Oficial de Minas Gerais publica resolução da diretoria da Rádio Inconfidência vedando a veiculação das músicas cantadas por artistas brasileiros em línguas estrangeiras. Todavia, regulamentou-se que as interpretações de artistas estrangeiros para as músicas brasileiras amplamente já conhecidas dos ouvintes poderiam ser veiculadas na Rádio Inconfidência FM 100,9.

---

1 Trabalho apresentado no GP 12, Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

2 Orientador do trabalho, professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG. E-mail: [nisiotei@gmail.com](mailto:nisiotei@gmail.com)

3 Estudante de graduação do curso de Comunicação Social da UFMG. E-mail: [pareidoliza@gmail.com](mailto:pareidoliza@gmail.com). Os autores agradecem à Velise Maciel, mestranda em Estudos do Lazer do curso da EEEFTO da UFMG e jornalista, pelo auxílio na revisão final e escrita deste texto.

---

Este texto foi resumido em Parreiras (2014) sob o título “Na Brasileiríssima, a música brasileira interpretada por cantores estrangeiros” do qual destacamos um trecho:

Em resumo, é o que se segue: veiculam-se apenas as músicas brasileiras, assim consideradas, inclusive, as que foram vertidas para o português, como “Fascinação” ou “Quando te vi”. Pode-se veicular a interpretação, por estrangeiros, das músicas brasileiras consagradas.

É vedada a interpretação de qualquer música, em línguas estrangeiras, por parte de artistas brasileiros, mesmo que sejam de suas respectivas autorias. Exemplo: “London, London”, por Caetano Veloso.

É vedada a veiculação de músicas estrangeiras, mesmo quando interpretadas por instrumentistas nacionais. Exemplo: o Uakti interpretando os Beatles.

*Dessa maneira, fica preservado o conceito de Brasileiríssima, na Inconfidência FM, que se tem mantido desde a fundação da emissora, em 2 de fevereiro de 1979. A Rádio Inconfidência AM, no entanto, está aberta à veiculação de músicas em todas as línguas, sem restrições, mantendo-se assim desde que foi fundada, em 3 de setembro de 1936.*

A interpretação estrangeira de melodias brasileiras – por parte de célebres vozes e instrumentistas internacionais – passou a ser veiculada na Rádio Inconfidência FM para evidenciar o prestígio global de que desfruta o principal e mais elaborado produto de exportação de nosso país, que é a música. (PARREIRAS, 2014, p. 96. Grifo nosso)

Assim, o presente artigo, em busca do entendimento do conceito e contexto iniciais apontados no grifo acima, procurou recuperar esta caracterização da programação da rádio Inconfidência FM enfatizando, portanto, a construção do momento histórico dessa configuração, sobretudo em torno do conceito “Brasileiríssima” e do principal aspecto daí derivado: a ênfase na divulgação da diversidade da produção musical local e nacional. O trabalho é recortado aqui no período que compreende o início da programação da emissora, entre os anos 1979 e 1987 e, além de revisão bibliográfica se baseia sobretudo a partir dos spots sobre a história da FM que foram ao ar na época da celebração dos 50 anos da Rádio Inconfidência AM (1986) e de parte dos depoimentos e entrevistas documentadas - gentilmente disponibilizadas para este trabalho - pela jornalista e pesquisadora Velise Maciel, funcionária da rádio, que organiza um acervo sobre a Inconfidência FM.

Trata-se, portanto, de um projeto ainda em curso: apenas parte das entrevistas e material foi organizado neste trabalho com o objetivo de atender ao recorte cronológico proposto para o entendimento desta assinatura - Brasileiríssima - e sua importância para o desenvolvimento da cena musical e artística local, também crucial para a concepção e desenvolvimento da proposta em seu início e que segue até aqui, em meio aos 40 anos da Inconfidência FM – e dos 83 anos como emissora AM.

---

### **Rádio Inconfidência AM – O Gigante do ar**

A 7 de setembro de 1936, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi doada ao Governo Federal, e pouco tempo depois, virou a Rádio Ministério da Educação e Cultura, primeira emissora dedicada exclusivamente à rádio-educação, com o slogan que Roquette Pinto abria diariamente sua programação: “pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil”. Foi a Lei n.1378 que transformou a Rádio Sociedade em Rádio MEC, e instituiu o Serviço de Radiodifusão Educativo. A lei é de 13 de janeiro de 1937. É por isso que a Rádio Inconfidência AM também reivindica o título de primeira emissora pública brasileira, já que foi inaugurada no dia 3 de setembro de 1936, quatro dias antes da doação de Roquette Pinto. A Inconfidência nasceu no sinal AM como uma rádio pública vinculada ao governo de Benedito Valadares, que tinha estreita fidelidade ao presidente Getúlio Vargas, ficando no cargo como interventor até o fim do Estado Novo. Então, assim como a história do rádio em Minas Gerais se confunde com a história do rádio nacional, a história da Inconfidência se confunde com a história do rádio no estado.

A frequência surge como PRI-3 e fez a comunicação entre produtores rurais de todo estado e a capital. Já era naquela época “A voz de Minas para toda a América”, O principal aspecto decorrente daí é que a Inconfidência AM transmite até hoje o programa mais antigo do rádio brasileiro “A Hora do Fazendeiro”, estreado apenas 5 dias depois da inauguração da rádio em setembro de 1936 e, atualmente, apresentado por Tina Gonçalves.

Prata (2003) explica que o governador Benedito Valadares dotou a nova emissora com o melhor equipamento técnico, importando de Londres todo o moderno material. Com o objetivo de se comunicar no ar com uma identidade mais intimista, em 1940 vira “A voz de Minas” e só em 1960 se consolida como “A Gigante do Ar”. Fábio Martins (1999) explica a mudança da programação da Rádio Inconfidência devido à transição de comando, quando Israel Pinheiro deixa o governo: “a Rádio toma um novo direcionamento (...) Ramos de Carvalho, seu diretor, contrata os principais nomes das duas outras emissoras concorrentes, tornando a Inconfidência imbatível”. (MARTINS, 1999, p. 116).

Assim, a Inconfidência AM buscou firmar um formato específico da sua programação mesmo após a Era de Ouro radiofônica. “No intervalo de músicas

---

selecionadas por especialistas, determina-se a inserção de apenas dois comerciais. Forja-se um novo *broadcasting*. Radialistas famosos são contratados.” Em 1961, uma pesquisa a coloca como líder de audiência. (MARTINS, 1999, p. 118).

Em 2004, ambas as frequências da emissora - AM e FM - passaram por uma revitalização e digitalização do seu acervo. Campelo (2011) lembra que, em 2010, a Rádio Inconfidência inaugurou o seu moderno Centro de Transmissão depois de ter sido eleita a melhor rádio do país pela Aberje - Associação Brasileira de Comunicação Empresarial.

O avanço tecnológico trouxe uma nova responsabilidade para a emissora - colocar no ar, durante 24 horas, na plenitude de seus 100 quilowatts, uma nova programação. A partir de 2003 a Rádio Inconfidência também passa a veicular sua programação na Internet. Em 2016 surge a Inconfidência Web TV, na qual os ouvintes podem ver ao vivo os programas acontecendo, com imagens e também vídeos gravados sobre a história e os bastidores da rádio.

Mas a tecnologia também trouxe uma encruzilhada política. Em abril de 2019, o Secretário de Estado de Cultura da gestão do governador Romeu Zema, Marcelo Matte, anunciou a extinção da rádio Inconfidência AM, alegando ser uma “imposição legal” que determina a migração da programação da faixa AM para FM (FARIA, 2019). O governo federal estipulou o ano de 2023 para o fim da TV analógica no Brasil e abriu a possibilidade para que emissoras AM conseguissem concessão para a faixa FM. O fato é que o texto da lei não foi claro e gerou controvérsias. Alguns defendem que a migração não é obrigatória, e sim, optativa, e que a melhor opção para a Inconfidência, por ter um sinal de caráter regional e não local, seria permanecer na frequência AM e Ondas Curtas, chegando em lugares que o sinal de internet não chega – aspecto reforçado, ainda, pelo caráter de compromisso público da emissora. No momento em que este texto é finalizado, há a notícia de que a Assembleia Legislativa Estadual de Minas Gerais (Alemg), enviou relatório ao secretário Matte recomendando que a emissora deve seguir no ar (JACINTHO, 2019). Assim, atualmente, a Inconfidência AM segue como a emissora mais antiga de Minas Gerais em atividade e, como veremos, inspira a criação de sua co-irmã na FM.

---

## **Rádio Inconfidência FM - a Brasileiríssima**

A criação da Rádio Inconfidência FM começou em uma conversa no edifício Mesbla, em Belo Horizonte, sede da diretoria da Rádio na época, numa reunião em 1978 à qual compareceram os compositores Gervásio Horta e Fernando Brant; os jornalistas Eugênio Silva, fotógrafo da revista Cruzeiro, e que na época trabalhava como assessor na rádio, e José Franco Monteiro de Castro, que atuara no jornal Estado de Minas, então presidente da fundação Pandiá Calógeras, mantenedora da rádio e diretor da Inconfidência AM; e ainda o engenheiro Matos Correia e o diretor administrativo Fernando Pinto. Eles conceberam a ideia de uma rádio segmentada, tocando apenas músicas nacionais e locais. Em uma série de spots comemorativos produzidos no ano de 1986, em alusão ao 50º aniversário da rádio AM, recolhidas pelo trabalho de Velise Maciel, Monteiro de Castro relembra:

A partir disso então, insistimos com o governo, no sentido de conseguir recurso para comprar equipamento importado etcetera e tal. Esse equipamento chegou, e ainda com pessoas contra, conseguimos instalar o equipamento, e nasceu daí a Inconfidência FM que na época deu uma alegria muito grande pra gente (...). Eu achava que a FM deveria ser de música brasileira. E a rádio Inconfidência que é uma emissora ligada ao governo deveria ser uma rádio cultural, uma rádio educativa. Outro problema da FM é que, a maioria das pessoas, não as que sentavam conosco numa mesa para discutir o problema, mas fora da área, discutiam muito sobre a voz feminina na rádio. E nós queríamos fazer uma FM brasileira com locutoras femininas. (MONTEIRO DE CASTRO in DUANE, 2019, f. 91-92)

Na sequência dos spots, Eugênio Silva reitera a ênfase na música brasileira:

Essa história da música brasileira, somente música brasileira, nasceu de uma ideia nossa: José Franco e minha. Eu não sei até que ponto isso pode ser válido em termos de contar a história da rádio, mas certo ou errado a ideia vingou e está aí até hoje desafiando os céticos. E aqueles, principalmente aqueles que achavam que esse era um projeto inviável já que a pressão exercida pelas multinacionais do disco etc iriam acarretar dificuldades imensas. (SILVA in DUANE, 2019, f. 92)

Finalmente, o compositor Gervásio Horta fala sobre essa conversa inicial:

O que se via na época, hoje não tanto, é que as FMs só tocavam músicas estrangeiras. Principalmente músicas americanas. E a rádio Inconfidência, que fez um sucesso muito grande naquela época, porque nós imaginamos (...) um clima musical para a rádio, com a ajuda do [Celio] Balona, do Marilton [Borges], que a rádio tivesse a programação com a hora própria, cor própria, na temperatura própria. (HORTA in DUANE, 2019, f.91)

Claudinê Albertini saiu então da Rádio Del Rey FM - atual 98FM - onde atuava, e chegou na Brasileiríssima em setembro de 1978. Albertini reforça que José Franco, juntamente com Eugênio Silva, o convidaram para o projeto e explicaram o

---

conceito da rádio, tendo sido também Eugênio o responsável pela assinatura da rádio: “Brasileiríssima”. “Entregou-se a Irmãos Pinho Propaganda a tarefa de criar a campanha publicitária. Fixaram-se *outdoors* pela cidade, com fotos de artistas nacionais. (...) Estava no ar a quarta emissora em frequência modulada da capital mineira, surgida depois da Del Rey, da Jornal do Brasil e da BH FM.” (FABRIS, 2014, p.12)

Em seu spot comemorativo na série citada acima, o próprio Claudinê aborda o começo da Brasileiríssima vinculando-a à trajetória da Inconfidência AM e o início – experimental, não oficial – de sua transmissão em 23 de dezembro de 1978.

Quando aqui cheguei, a estrutura da Inconfidência AM já estava no ar, pô, há mais de quase meio século, né?! E a gente trazia no bojo que daria continuidade no trabalho da mãe, da matriz, que é a Inconfidência AM, porque a FM não veio trazer nada de novo: ela veio dar continuidade ao projeto que já estava sendo desenvolvido pela estação de AM, ou seja dando apoio ao artista da terra, ao artista brasileiro. Apoiar culturalmente né, todo artista mineiro, brasileiro, em especial tudo que se diz respeito à arte brasileira. (...) A rádio estaria no ar em fevereiro em definitivo, e a gente teria de setembro a dezembro pra colocarmos a parte experimental no ar em 23 de dezembro. (ALBERTINI in DUANE, 2019, f.85)

Assim, com a ajuda de outros nomes como o compositor Célio Balona, o empresário fonográfico local Dirceu Cheib e, pouco depois, o compositor Marilton Borges, Claudinê chega para estabelecer a programação na rádio. Cheib se recorda como, em 1978, foi procurado pelo compositor Gervásio Horta. A ambos couberam a produção das vinhetas e a escolha de um diretor artístico. “Como eu conhecia o Claudinê, ele me sugeriu que eu fizesse um convite. O Claudinê adorou a proposta” (CHEIB in DUANE, 2019, f.71). Assim, quando Claudinê chegou na Inconfidência, as primeiras vinhetas já haviam sido produzidas e gravadas no estúdio Bemol com os cantores do quinteto vocal Madrigal Renascentista – e já com o slogan-assinatura Brasileiríssima – regido pelo maestro Marco Antônio.

A rádio Inconfidência AM fora a primeira estação que Claudinê Albertini ouviu na vida: nascido na pequena Bambuí, interior do estado, a cidade só recebia onda curta e, como a Inconfidência já tinha onda curta forte e potente, foi a primeira rádio que sintonizou. Ouvia o humorista Delmário e outros artistas mineiros, mas não exclusivamente: “a onda curta e a onda média, quando estavam em rede, em sintonia, eram frequências diferentes, mas entravam em cadeia as duas. E a FM [tornou-se uma] terceira”. (ALBERTINI in DUANE, 2019, f. 56).

---

Claudinê, além de coordenador criativo da então Del Rey FM – a qual também contribuíra na própria fundação - também escrevia para a extinta revista POP, da Editora Abril, ao lado de nomes da crítica brasileira como Tárík de Souza e Nelson Motta. Ali já realizava uma pequena curadoria musical, pois divulgava em sua coluna, o “*Top 10*” de músicas ou discos nacionais da época, mas trazendo eixo cultural e visibilidade para a capital mineira.

Sua entrada para o ramo da rádio FM aconteceu em 1969, mesmo ano em que sofre um acidente de carro com o irmão Márcio Albertini no Viaduto das Almas a caminho do Rio de Janeiro para uma gravação. Márcio acabou falecendo e Claudinê – segundo o próprio, que até a tragédia se considerava um músico - passou a trabalhar com rádio FM, especialmente, no caso, a Del Rey FM, indo, dez anos depois, para a Inconfidência: “trabalhei anos com o artista brasileiro. Me deu força pra, não só pra atraí-los para dentro do processo, que foi apoiado por todos os artistas” (ALBERTINI in DUANE, 2019, f. 57).

Claudinê tornou-se assim o primeiro coordenador da Brasileiríssima e trabalhou na diretoria e na organização das vinhetas - boa parte já então produzidas por Cheib - para realizar o período experimental, que foi ao ar entre 23 de dezembro de 1978 até o primeiro dia de fevereiro de 1979. No meio da programação, era padrão para as vinhetas da época que viessem anunciando o prefixo ZYC 696, e acompanhado da frequência 93,7, (somente anos depois a rádio assume sua frequência atual de 100,9) além do aviso que estavam transmitindo em “fase experimental”. Às 11 horas do dia 2 de fevereiro de 1979, a rádio Inconfidência FM foi oficialmente inaugurada em solenidade no Automóvel Clube de Belo Horizonte, com discurso feito pelo governador de Minas Gerais à época, Levindo Ozanam Coelho. Ele destacou a rádio como um desdobramento do projeto AM e a difusão da música nacional:

É confortador verificar, como o avanço da antiga PR-3, se faz sem rompimento com as melhores tradições de mineiridade por ela cultivadas desde sua instalação. Preza a Deus, que assim sempre se conserve, como uma voz a proclamar, a preservar e a promover a constante difusão e evolução de nossos cantores e compositores, de nossos artistas de outras gêneros, das coisas caras ao nosso povo em sua essência nacional, enfim, da afirmação permanente de Minas Gerais e do Brasil. (COELHO in DUANE, 2019, f.86-87)

Claudinê desenvolveu a identidade da programação e a montagem da equipe que envolvia técnicos, locutores e músicos como: Margot Guimarães e Alexandre Martins,

---

vindos da rádio Del Rey FM a convite de Claudinê e ainda Luziário Pinto, Roberto Marcondes, Wilma Bianchi e Vicente Lima Jr, que apostaram na ideia da identidade nacional nas músicas que dariam cara à programação.

Ainda dentro da série dos spots comemorativos, a locutora Margot Guimarães fala sobre sua inserção na proposta da Inconfidência FM. Colega de Martins no colégio Pitágoras, quando o técnico foi para Del Rey FM, ele a convidou para ser a primeira locutora da emissora e juntos apresentavam o *Del Rey Disco Club*. Com o aceite do convite de Claudinê para a Inconfidência, “eu, muito nova, ainda com pouca experiência, aproveitei da experiência dos meus colegas naquela época: a Wilma Bianchi, Roberto Marcondes, Eduardo Lima, Luziario Pinto. (GUIMARÃES in DUANE, 2019, f.88). A citada Wilma Bianchi, outra voz feminina pioneira da FM latino-americana, complementa em seu spot como abraçou a ideia da Brasileiríssima: a princípio, assumira a função como um “emprego qualquer”, mas gradativamente tomou conhecimento de algo “muito maior”:

eu, locutora, trabalhando com música brasileira (...) passando essa coisa que eu acho da maior importância que é o lance da identidade nacional. Que é mais forte que hino nacional, que armas da república, que um monte de símbolos que têm por aí. Arte, tá, enquanto música, literatura, pararara, é mais importante que tudo isso. Então essa ideia é que de repente me segurou e eu tô aí até hoje! (BIANCHI in DUANE, 2019, f.88-89)

Luziário Pinto abre uma sequência importante nos spots comemorativos: ressalta aspectos técnicos caros e iniciais à emissora: a valorização do “profissional mineiro na área do microfone, locutor, o narrador do programa”, bem como “o lançamento de especiais no rádio mineiro” (PINTO in DUANE, 2019, f.89) sobre os quais falaremos adiante. Outro nome, Vicente Lima Jr, ex-funcionário da Odeon, começou a carreira na Inconfidência na emissora AM antes de se transferir para a FM e não esconde as pressões

E o oitavo ano é, apesar de aparentemente a gente ter um certo cansaço, porque são oito anos de batalha, né, e de porrada né, que a gente toma, porque a palavra certa é essa, porrada daqui, porrada dali, são pressões, ne. Mas o importante é que a gente tá conseguindo vencer todas as pressões com aquela fala, aquela coisa vulgar, mas que é bonita, como operário da música popular brasileira. (LIMA JR. in DUANE, 2019, f.90)

O técnico Alexandre Martins, que trabalhava como operador e programador da Del Rey, comenta que começou na Inconfidência ajudando a criar as vinhetas e parte da programação: “naquela época eu programava o horário da tarde, e praticamente participei de todo o processo de sua implantação”. (MARTINS in DUANE, 2019, f.89)



---

Além disso, também atuava na depuração técnica do material independente entregue à rádio pelos músicos. “Procuravam-se os meios de melhorá-las, tornando-as compatíveis com o alto nível da obra desses autores e intérpretes, que se situavam em um patamar equivalente aos que haviam alcançado o reconhecimento nacional” (FABRIS, 2014, p. 19), critério reiterado por Claudinê: checar a qualidade sonora dos materiais, sobretudo das fitas K7 que chegavam à rádio – aspecto ao qual era reiteradamente “inflexível”. (ALBERTINI in DUANE, 2019, f.67)

Segundo Fabris (2014) Claudinê teve o objetivo de acompanhar a dinâmica dos tempos, “ou seja: dar-se-ia ênfase à música brasileira contemporânea, sem que se prescindisse, no entanto, das obras dos grandes mestres do canção nacional, como Noel Rosa, Pixinguinha e Ary Barroso.”(FABRIS, 2014, p.12). Em 1981, Claudinê convida o pianista e compositor Marilton Borges para se integrar à equipe: “Marilton formou com Albertini uma 'dobradinha de craques na FM', como definiu o acordeonista e compositor Célio Balona. (FABRIS, 2014, p.13 e 14). Para Claudinê, política e mercadologicamente a rádio teve um papel fundamental, além do aspecto musical e de concepção artística em torno da cultura mineira e brasileira. “A rádio, além de fazer nomes, ainda começou a erguer, além de executar gente que nunca foi tocada. Toninho [Horta] por exemplo foi um deles, o próprio Milton era muito pouco tocado. Por que? O instrumental do Wagner Tiso, por exemplo, extremamente qualificado.” (ALBERTINI in DUANE, 2019, f. 59). Para ele, a emissora também passou a influenciar o aspecto do mercado, das gravadoras nacionais, fermentando ainda mais a presença musical mineira no cenário nacional. “As gravadoras da pesada vêm pra Minas buscar talentos aqui... Isso foi bom. (...)O mineiro é excelente harmônico, né. Pouco rítmico, mas é harmônico. (...) Minas Gerais catalisa a cultura brasileira. Então tem um pouco de tudo, né? (ALBERTINI in DUANE, 2019, f.67-68).

No dia 1º de abril de 1984, o compositor Fernando Brant, que participara da reunião inicial da Inconfidência FM, torna-se o diretor artístico da emissora, cargo que ocupa até 12 de março de 1987. E Brant conta como recebeu o apoio voluntário de outro cantor e compositor para a equipe da emissora: Luiz Gonzaga Jr., o Gonzaguinha, que então vivia em Belo Horizonte. “Gonzaguinha era meu amigo. Veio morar aqui. Quando assumi a direção da rádio, ele começou a aparecer lá todos os dias, participando de programas e dando ideias brilhantes na programação. Gonzaguinha contribuiu de

---

graça para a cultura mineira.” (BRANT apud FABRIS, 2014, p 18). O próprio Gonzaguinha, que fora a Curitiba fazer show para divulgar o disco *Grávido*, diz em entrevista ao jornal paranaense *Correio de Notícias* o que chama de “estágio” na emissora e como prefere oportunizar momentos e espaços que “a ligação com as gravações sempre limitaram” (Gonzaguinha vive um tempo de gravidez, 1984). Em torno da organização da programação de Claudinê, Cheib lembra como ele utilizava uma paleta de cores para criar o arco diário da programação: de uma cor bem suave pela manhã até o vermelho às quatro horas da tarde, por exemplo. “Tinha uma lógica, quer dizer, você não ouvia a música errada no momento, né. Isso foi uma coisa que me marcou.” (CHEIB in DUANE, 2019, f.73)

E, em interessante áudio promocional feito em meados dos anos 1980 e disponibilizado para a pesquisa, há um exercício sonoro desta programação. Nele, Marilton Borges e Gonzaguinha, sob a vinheta “Cem vírgula Nove, sintonia nova para a Nova República!” detalham: a programação musical começa com Wilma Bianchi, ao que Gonzaguinha complementa dizendo que é um “clima” que vai de oito até as onze. “Depois tem mais gente, né?” Ao que Marilton Borges responde “Quem pega o trem das onze é o Neymar Fernandes!” (BORGES; GONZAGUINHA in DUANE, 2019, f.79). A locução de Neymar Fernandes complementa: é o Memória Nacional.

Marilton Borges segue informando que depois do Neymar entra Tutti Maravilha: “Chega mais, chega mais! [Vinheta] Bazar Maravilha! É produção e apresentação Tutti Maravilha! Tutti Maravilha: E não me leve a sério, nem me venha com nóia e saia do meu arrozal, urubu!” (BORGES; GONZAGUINHA in DUANE, 2019, f.80). Como se vê, à tarde o destaque da programação já ficava em torno do radialista Tutti Maravilha, no ar até hoje com seu programa vespertino. “Quando o Tutti já foi pra rádio, o Tutti começou à tarde. (...) Duas horas de programa pra criações especiais: quando vinha um artista a gente procurava a entrevistar e a gente deu o maior força aos artistas brasileiros.” (ALBERTINI in DUANE, 2019, f.56).

Outro sucesso da programação que remonta ao início da Brasileiríssima e que foi criado por Claudinê e Marilton foi o Boca Livre, o qual, segundo planilhas da audiência na época, alcançava 70% dos rádios ligados no programa, na hora que ele ia pro ar. “Então, um formato irreverente. Eu acho que até influenciou muito do que a gente vê no formato de rádios jovens hoje. É, essa coisa dinâmica, informal. Eles fazendo

---

brincadeiras, piadas, e com o *timing* muito acelerado. Um programa que marcou época”. (BORGES in DUANE, 2019, f.75).

Além do Boca Livre, Marilton Borges e Gonzaguinha também falam da “ousada proposta” do Música Instrumental de segunda a sexta e ainda do Saudades do Brasil. Segundo Claudinê, uma proposta ousada, porque entrava no habitual horário das 18 horas, por demais consagrado na tradição radiofônica. “O pessoal brincava, pra todo mundo era o horário da Ave Maria, pra nós lá, era a hora que entrava 'e a paz se fez som e habitou aqui' então ali entrava quem? Tom Jobim com Saudade do Brasil. Tocava a música inteira, pessoal 'você é maluco, Saudade do Brasil à essa hora?'. ” (ALBERTINI in DUANE, 2019, f.59)

Marilton Borges segue nos comentários da programação e aponta que após a *Voz do Brasil* tem-se, em seguida mais uma voz feminina, que vai das 20 horas às 22 horas, voltando à meia-noite: Margot Guimarães. Sob a vinheta “Sou sua amiga sou Brasileiríssima, e não importa onde você estiver, estou sempre com você! No seu momento mais bonito, e nas horas de tristeza e solidão, eu quero estar ao seu lado, no ritmo do seu coração!”, Margot Guimarães começa: “Boa noite! ZYC, 696, 100,9 megahertz. Brasileiríssima, a mais de 100. A partir de agora com você pela faixa nobre da Inconfidência, Margot Guimarães e o melhor da música popular brasileira.” (BORGES;GONZAGUINHA in DUANE, 2019, f.81)

Gonzaguinha em seguida, comenta: “pois é, Marilton, mas logo depois, já dentro dessa faixa nobre da Inconfidência...” ao que Marilton Borges completa: “depois da Margot, começam os especiais, né?. Gonzaguinha responde: “Exatamente, vai ali, a faixa nossa ali vai de 20h às 24h, até meia noite. Mas nesse, nesse meio, acontecem os especiais, né?” e, em seguida, alternadamente, ambos nomeiam os especiais: segunda-feira, Pesquisa Brasileira (que reunia dados sobre um artista específico); terça-feira Edição Histórica (que trazia discos comemorativos e reedições de clássicos da música brasileiro) quarta-feira Encontro Mercado (trazia os grandes duetos da MPB); quinta-feira Feito em Casa (programa que trazia trabalhos independentes e alguns artistas que gravaram no próprio estúdio da Rádio Inconfidência); sexta-feira, o Palco, Corpo e Alma, “um novo programa que estreou agora recentemente com o registro [com disco] de um show ao vivo, que a Brasileiríssima registra” (BORGES; GONZAGUINHA, f.80-81).

---

No sábado à noite, Música 'pra pular' Brasileira (com programação mais animada, festiva) e ainda um programa especial, uma vez por mês, com Wagner Tiso. Completando a faixa nobre da Brasileiríssima de então, ambos anunciam, a partir da meia noite, O Carona: “Gonzaguinha:...chega na madrugada! Chega quente e aquecendo os corações (risos)”, ao que também anunciam a participação e apresentação também dos músicos Edson Aquino e Marilton Borges. “Mais um músico! (...) Gonzaguinha: Mas vamos dar um pedacinho só do Rock [Brasil], programa do Kiko Ferreira aos domingos. Pro pessoal sentir a pulsação (...) com relação ao Rock’n’Roll.” (BORGES;GONZAGUINHA in DUANE, 2019, f.83).

Kiko Ferreira: Boa tarde, pessoal! Estamos começando aqui o primeiro Rock Brasil. E muita gente reagiu a ideia de fazer um programa de Rock aqui na Brasileiríssima. Uma, uma rádio de música brasileira, né?! Pura, né!? Mas não existe música brasileira pura. (...) Aloísio de Oliveira fez música - que é assim o retrato da música americana, “*Wind The Mud*” - transformar em “Edmundo”, gravado por Elza Soares. Como Tom Jobim e Carlinhos Lira pegaram o *Jazz* e transformaram na Bossa Nova. Como Gil pegou o *Reggae* do Bob Marley e fez “Não chore mais”. (...) Como o Ney Matogrosso pegou As Frenéticas, como o Ultraje a Rigor, como o Premê, como o Língua de Trapo, como todo esse pessoal, tirou a diferença do bom humor e na irreverência e tá aí, o *Rock Brasil!* (FERREIRA in DUANE, 2019, f.84)

Todavia, a sequência de programas especiais acima já era uma derivação de outra, que remonta à fase ainda mais inicial, feita com o objetivo de colocar a música brasileira no ar e adotada em seu primeiro ano. Naquela ocasião era a seguinte ordem para seus [programas] especiais: segunda-feira: Gala Brasileira, produzido por Alfredo Buzelin e locução de Wilma Bianchi; terça-feira: Encontro Mercado, produzido por Alberto Tostes e locução de Margô Guimarães; quarta-feira: Feito em Casa, produção e apresentação por Eduardo Lima (no ar até hoje); quinta-feira: Edição Histórica, produção de Alberto do Carmo e locução de Alberto Marcondes; sexta-feira: MPB Mulher, produção de Ferrer e Wilma Bianchi, com locução de Bianchi e sábado: Música pra pular brasileira, de Alexandre Martins com locução de Luziario Pinto.

Segundo o funcionário Vicente Ferrer em documento disponibilizado para a pesquisa, também faziam parte desta programação inicial o programa Música e Notícia, que entrava de hora em hora com informações sobre arte, discos, shows e literatura, com a produção e locução de Eduardo Lima; O Fino da Bossa, que ia ao ar nas tardes de sábado das 17h às 18h com o melhor da Bossa Nova, com apresentação de de Wilma Bianchi e produção de Eduardo Lima, além do Fino que satisfaz, com o melhor da

---

música instrumental brasileira, com apresentação de Margot Guimarães e produção de Alexandre Martins.

Ainda hoje a faixa noturna tem programação especial. Paulo Bastos trabalha na rádio há ao menos 27 anos. Ele é responsável pela criação do programa *Faixa Instrumental* que atualmente vai ao ar de 23h às 24h nas quartas feiras. Foi por sua iniciativa que o samba ganhou maior espaço na programação.

Criou vários programas na Inconfidência, em ambos os canais. Por iniciativa sua, o samba tem destacado espaço na Inconfidência. Diariamente, antes da Voz do Brasil, Paulo Bastos leva ao ar o Sambossa. Faz a programação musical do Samba Bate Outra Vez, aos sábados e domingos, das 12h às 14h. Mas é eclético. Concebeu o programa O Choro é Livre. Formatou, há duas décadas, o *Trem Caipira*, diariamente apresentado, das quatro às sete da manhã, nos canais AM e FM. (FABRIS, 2014, p. 24-25)

Fabris assinala como o caráter inovador da rádio, concebido por Claudinê, foi corrompido, pelo menos em três breves ocorrências, ao longo dos primeiros 36 anos de existência da Brasileiríssima – e, novamente, retoma-se aqui, nessas situações, ao projeto originário de 1979..

Em um dado instante, tentou-se trocar o slogan da rádio, de Brasileiríssima para “Popularíssima”, como informalmente se dizia. (...) Em outro fugaz interregno, reduziu-se a veiculação de artistas mineiros. Choveram críticas, e, imediatamente, revogou-se a decisão. Finalmente, no terceiro desvio em relação à filosofia de origem, embaralharam-se na Brasileiríssima as programações dos canais AM e FM. A reação do público ouvinte e, também, dos músicos fez com que, em cada um desses episódios, a Brasileiríssima fosse levada de volta ao percurso iniciado em 1979. É comum a tentativa mudancista que acomete novos gestores, sobretudo os que assumem o comando dos veículos estatais de comunicação. É assim que as identidades de rádios e televisões públicas são intermitentemente destroçadas. (FABRIS, 2014, p. 17-18)

Foi, precisamente, na primeira destas circunstâncias, em 1987, que Claudinê deixou a rádio: “entrou uma figura nomeada pelo governo que assumiu o veículo. Ganhou o cargo.(...) Trabalhava numa rádio dessas popularescas aí, não vou citar nome de ninguém pra não ter problema. Fui embora direto para outra estação [107 FM]” (ALBERTINI in DUANE, 2019, f.62)

Todavia, além do marco local, a experiência de Claudinê e equipe com a Inconfidência pode ter influenciado outras iniciativas semelhantes à época no país. De um lado, por coincidência ou não, a partir de abril de 1980 - ano seguinte ao surgimento da Inconfidência - a rádio Poti (RN) levava em sua programação uma faixa de horário dedicada exclusivamente à Música Popular Brasileira chamada Brasileiríssima (Rádio

---

Poti dinamiza setor de notícias, 1980). Por outro, a Rádio Brasil 104 FM, do Paraná, vinculada ao grupo Independência, anuncia, no mesmo ano, seu caráter exclusivamente dedicado à música brasileira e em entrevista ao jornal Correio de Notícias em abril, o supervisor de programação Gilberto Fontoura afirma explicitamente ter buscado se inspirar na experiência da Inconfidência, tendo visitado a emissora “e se certificou: 'Ocorre um fenômeno musical. Há um novo clima. A música popular brasileira está em alta” (Enfim vamos ouvir a MPB, 1980)

### **Considerações finais**

Quarenta anos atrás percebemos como a Inconfidência FM, a partir da articulação política e artística de músicos, radialistas e locutores, forjou o conceito que a caracteriza até hoje – 100,9 Brasileiríssima FM, entendendo a configuração como característica própria de uma rádio temática.

Em fase embrionária, este estudo inspira desdobramentos, tais como: i) uma futura análise comparada das programações anterior e atual da emissora, de modo a perceber como o próprio conceito de MPB experimentou variações ao longo do tempo na própria Brasileiríssima; ii) estudos mais detidos e profundos em torno desse imbricamento da classe musical com a rádio e a política. Havia a sensação manifesta – inclusive politicamente - no meio do próprio circuito musical e radiofônico, dessa falta dos artistas nacionais tocando na programação; iii) a organização institucional da emissora, de natureza pública, mas sob influência estatal também foi notória sobre o que estaria ou não no ar de acordo com o gosto do novo governante que assumisse – episódio que culminou na saída de Claudinê. E como, recorrentemente diante de episódios como esse, além da reação de público e classe artística, remonta-se à concepção original de 1979.

Por fim, ressalte-se, desde já, o caráter inicial não só do período em questão aqui proposto e recortado desta trajetória da emissora, mas mesmo nele, desta própria proposta de trabalho que se apresenta - afinal, por razões de tempo, não foi possível transcrever e incorporar ainda a totalidade dos áudios gentilmente disponibilizados, mas boa parte deles, configurando-se aqui uma proposição embrionária (Tutti Maravilha, Marilton Borges, Vicente Ferreira, Aécio Flávio, Kiko Ferreira são apenas alguns importantes nomes cujos depoimentos recolhidos pelo projeto de memória da rádio ainda não foram totalmente incorporados a essa pesquisa).

---

E que, apesar da ação de diferentes momentos políticos para modificar ou cercear a atividade de divulgação da programação, ela seguiu - e segue - buscando construir sua programação em modelos de qualidade que, ainda que polêmicos, representassem sua assinatura não como *popularíssima*, mas como *Brasileiríssima*....

## Referências

CAMPELO, Wanir. **Inconfidência: o radiojornalismo mineiro começou aqui, 2011**. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/Inconfidencia%20o%20radiojornalismo%20mineiro%20comecou%20aqui.pdf/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/Inconfidencia%20o%20radiojornalismo%20mineiro%20comecou%20aqui.pdf/at_download/file)>. Acesso em 19 jun 2019.

Enfim vamos ouvir a MPB. **Correio de Notícias**. Curitiba, 19 de março de 1980. Caderno Viver, p. 12.

Gonzaguinha vive um tempo de gravidez. **Correio de Notícias**. Curitiba, 2 de dezembro de 1984. CN Revista, p. 22.

Rádio Poti dinamiza setor de notícias. **Diário de Natal**. Natal, 03 de abril de 1980. DN Hoje.

DUANE, M. E. de O. **Rádio Inconfidência FM Brasileiríssima - os primeiros anos**. 2019. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Comunicação Social/Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 28 de junho de 2019.

FABRIS, Valério. A Brasileiríssima, no seu momento mais bonito. In: PARREIRAS, Ricardo. **O Gigante do Ar** : a história da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados. Belo Horizonte: Rádio Inconfidência, 2014, p. 11-28.

FARIA, M. E. Governo anuncia fim da Rádio Inconfidência AM e demissão de concursados. Site **BHAZ**. 6 de abril de 2019. Disponível em <https://bhaz.com.br/2019/04/06/fim-radio-inconfidencia-am/>. Acesso em 07 de julho de 2019.

JACINTHO, Etienne. Rádio Inconfidência AM deve seguir no ar, diz relatório enviado a Matte. Jornal O Tempo. 04 de julho de 2019. Disponível em <https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/r%C3%A1dio-inconfid%C3%Aancia-am-deve-seguir-no-ar-diz-relat%C3%B3rio-enviado-a-matte-1.2204879> . Acesso em 07 de julho de 2019.

MARTINS, Fábio. **Senhores ouvintes, no ar... A Cidade e o Rádio**. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

PARREIRAS, Ricardo. **O Gigante do Ar** : a história da Rádio Inconfidência narrada por Ricardo Parreiras e convidados. Belo Horizonte: Rádio Inconfidência, 2014.

PRATA, Nair. **A história do rádio em Minas Gerais**. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em <[https://www.academia.edu/385752/A\\_História\\_Do\\_Rádio\\_Em\\_Minas\\_Gerais](https://www.academia.edu/385752/A_História_Do_Rádio_Em_Minas_Gerais)> . Acesso em: 15 de abril de 2018.